

## RESUMO - BIOMEDICINA

### **CIGARRO ELETRÔNICO: MARKETING DOCE, CONSEQUÊNCIAS AMARGAS.**

*Gabriela Berti Pianta (piantagabriela2@gmail.com)*

*Regina Yasuko Makimori Vascon (regina.farmacia@grupointegrado.br)*

*Brenda Galan Bueno (brendagalanbueno6@gmail.com)*

*Evellyn Lorryne Da Silva Dos Santos (evellynlorrainesantos@gmail.com)*

*Maria Eduarda Pedroso (mariazinhaa0207@gmail.com)*

*Geovana Rocha (geovanarocha.silva@icloud.com)*

O uso dos Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs), conhecidos como vapes ou cigarros eletrônicos, têm se popularizado rapidamente, especialmente entre adolescentes e jovens adultos no Brasil. Essa popularização é impulsionada por um marketing doce e atraente, com apelo sensorial (sabores de frutas e doces), design moderno e a falsa percepção de menor prejuízo. Embora promovidos como alternativas mais seguras ao tabaco convencional, esses dispositivos apresentam riscos à saúde. Essa narrativa ignora as consequências científicas do uso, que se manifestam de forma aguda e crônica. Este estudo teve como objetivo analisar as consequências do uso de cigarro eletrônico entre jovens e seus resultados para a saúde, além de demonstrar as estratégias de marketing e percepções de segurança que levam à alta adesão de jovens a esses dispositivos. A metodologia utilizada foi uma Revisão Bibliográfica, por meio da análise de artigos científicos e documentos

oficiais disponíveis em bases de dados e portais institucionais, como SciELO, INCA, Ministério da Saúde, Associação Médica Brasileira, Gov.br e NIH. Foram abordados temas como publicidade de produtos do tabaco, prevalência de uso entre jovens, composição química dos líquidos e efeitos da exposição à nicotina e outros componentes presentes nos dispositivos. Os resultados mostram que a indústria de produtos de nicotina, especialmente a de cigarros eletrônicos, migrou suas estratégias de marketing para plataformas digitais, onde a fiscalização é menor. Essa tática envolve o uso de redes como TikTok e Instagram, em que influenciadores digitais promovem de forma sutil os dispositivos, utilizando hashtags que disfarçam a publicidade. Essa abordagem digital é essencial para atingir jovens, principal público-alvo, explorando design moderno, sabores doces e a desinformação sobre a baixa nocividade do produto. As redes sociais acabam se tornando pontes de acesso aos cigarros eletrônicos, comprometendo esforços para reduzir o tabagismo e expondo uma nova geração à dependência química. O cenário de consumo no Brasil é alarmante. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS, 2019) indicam que, de cerca de 1 milhão de usuários, 70% estão na faixa etária de 15 a 24 anos. Os líquidos dos cigarros eletrônicos contêm principalmente propilenoglicol, glicerina vegetal, aromatizantes e, muitas vezes, nicotina. Quando aquecidos, geram aerossóis que contêm substâncias tóxicas e carcinogênicas, como formaldeído, acroleína, metais pesados e nitrosaminas específicas do tabaco (TSNAs). A nicotina é o principal componente responsável pela dependência química. Essa substância psicoativa afeta o desenvolvimento cerebral de adolescentes e está associada ao aumento da depressão e da ansiedade. Já o aerossol contém compostos carcinogênicos e irritantes que causam danos respiratórios e cardíacos, irritação das vias aéreas, secura da boca e da garganta. Concluiu-se que o uso de cigarros eletrônicos representa risco significativo à saúde dos jovens, sendo uma ameaça dupla: causa dependência química rápida e agrava problemas de saúde mental. Diante da persistência do uso, mesmo com a proibição no Brasil, torna-se necessária a intensificação de campanhas de conscientização e medidas de fiscalização mais rigorosas.

Palavras-chave: cigarro eletrônico adolescentes dependência química saúde pública.